



IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DA SAMARCO, VALE E BH BILLITON EM MARIANA/MG

DOI: 10.17058/barbaroi.v62i2.17843



Débora Diana da Rosa

Faculdade Alis de Itabirito – Alis – Brasil

Cláudia Mayorga

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Brasil



Resumo:

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado em psicologia social que investigou os impactos do rompimento da barragem de rejeitos de minério de ferro das empresas Samarco, Vale e BHP Billiton sobre a população atingida em Mariana/MG. Para levantamento dos dados em campo foi realizada observação de reuniões entre atingidos e atingidas com representantes das empresas e órgãos públicos, bem como, levantamento documental de atas e decisões judiciais, matérias de jornais e foi realizada entrevistas com pessoas atingidas, tendo como orientação teórica e metodológica a psicologia social e comunitária e a pesquisa participante. Ao longo das análises constatou-se o profundo imbricamento entre capitalismo, mineração e violência psicossocial, nexos de uma mesma cadeia de exploração.

Palavras-chave: capitalismo; mineração; violência psicossocial, psicologia social.

Introdução

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de doutorado em psicologia social que investigou os efeitos de violência ocasionados pelo rompimento da barragem de Fundão que continha rejeitos do processo de mineração de ferro das empresas Samarco, Vale e BHP Billiton, ocorrido em 05 de novembro de 2015, no município de Mariana/MG. O rompimento da barragem de Fundão provocou uma avalanche de lama que causou destruição por onde passou, matou 19 pessoas, entre trabalhadores da mineradora e moradores das comunidades atingidas, destruiu infraestrutura de comunidades inteiras, afora danos incalculáveis ao meio ambiente.

Mariana é um município brasileiro do estado de Minas Gerais com cerca de 58 mil habitantes, possui sua economia local dependente principalmente do turismo e da extração de minérios. Foi a primeira vila, cidade e capital de Minas Gerais, faz parte do chamado quadrilátero ferrífero junto com os municípios de Caeté, Itabira, Itaúna, João Monlevade, Ouro Preto, Rio Piracicaba, Sabará, Santa Bárbara, entre outros do estado de Minas Gerais. O quadrilátero possui uma área de aproximadamente 7 mil quilômetros quadrados que produz cerca de 60% do ferro nacional, é a maior região produtora de minério de ferro do Brasil. Também são explorados em quantidades expressivas ouro e manganês.

Passados poucos anos do rompimento da barragem de Fundão em Mariana, acompanhou-se outro desastre em Minas Gerais, desta vez no município de Brumadinho, ocorrido em 25 de janeiro de 2019, que ceifou a vida de centenas de trabalhadores e trabalhadoras da empresa mineradora Vale, que também é dona de 50% da Samarco em Mariana.

Davies e Martin (2009) apontaram uma correlação entre o aumento do número de rompimento de barragens de rejeitos nos períodos recessivos dos ciclos de preços dos minérios. Isso significa que, nestes períodos em função da pressão para aproveitar o preço em elevação a segurança das operações nas minas são negligenciadas para extração do lucro máximo, ainda observaram a existência de:

- Pressa para obter as licenças necessárias para operar e auferir ganhos no período de preços elevados, levando à escolhas de locais não adequados para a instalação dos projetos, falta de estudos aprofundados, pressão sobre as agências ambientais que não avaliam a totalidade dos riscos e impactos dos projetos;

- Movimento setorial de expansão com grande circulação e a supervalorização dos profissionais de engenharia no mercado, o que gera a necessidade de incorporação de técnicos menos experientes ou sobrecarga dos mais experientes (comprometendo a qualidade dos projetos ou a execução das obras);
- Intensificação do volume da produção e pressão por redução nos custos a partir do momento em que os preços baixam e voltam aos patamares usuais.

Wanderley, Mansur, e Pinto (2016) ao analisar as relações estruturais entre rompimentos de barragens e os ciclos econômicos da mineração, destacam que o chamado ciclo pós-boom – fase de desvalorização dos preços de minério após alta valorização – apresenta correlações com rompimentos de barragens nos últimos 45 anos (1965-2009). O estudo apresentado aponta que a barragem de Fundão, entrou em funcionamento em 2008, período de alta do preço do minério de ferro, no entanto, nos anos seguintes o preço do minério caiu drasticamente e os custos com a manutenção e segurança da barragem também foram drasticamente diminuídos, o que levou ao seu colapso.

Em face destes acontecimentos, tais rompimentos são nomeados neste trabalho como desastres/crimes em função de seus efeitos de violência social e por representarem a objetivação material de uma lógica deliberada das empresas mineradoras em extrair lucro máximo em seus processos de produção negligenciando a vida humana e do meio ambiente.

Muito embora, um desastre dessa magnitude tenha causado danos em diversos âmbitos, nesta pesquisa, analisou-se a violência psicossocial ocasionada pelo rompimento da barragem de Fundão, tendo elegido como opção teórica e metodológica para sua análise a psicologia comunitária (MONTERO, 2004) e a pesquisa participante (FALS BORDA, 2009).

Para a psicologia social comunitária a metodologia está profundamente imbricada com sua orientação teórica, considerando o conhecimento como algo relacional, ou seja, é produzido pelo sujeito investigado e pelo investigador, sendo que este é seu caráter ontológico e epistemológico. A metodologia é participativa, tendo como dimensão ética a busca pela produção de um conhecimento compartilhado tendo como horizonte a transformação social da realidade (MONTERO, 2004). As contribuições da psicologia comunitária aliadas as considerações sobre pesquisa participante de Fals Borda (2009) nos possibilitaram nos aproximar e nos envolver com a realidade pesquisada assumindo também compromisso ético e político.

A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de outubro de 2016 até abril de 2018 no município de Mariana/MG, nesse período acompanhamos semanalmente reuniões entre a população atingida, as empresas e o ministério público, essas reuniões foram registradas em diário de campo. Também fizemos levantamento documental de atas, decisões judiciais, acordos, matérias de jornais e documentos públicos relativos ao rompimento da barragem de Fundão. Também acompanhamos reuniões comunitárias e festejos religiosos e realizamos entrevistas com 6 mulheres atingidas.

Violência Psicossocial

O que é uma violência psicossocial? É possível demarcar ou nomear uma violência psicossocial? Em um primeiro esforço para compreender os efeitos psicossociais e de violência do rompimento da barragem da Samarco, Vale e BHP Billiton em Mariana/MG, é preciso situá-la como uma das expressões mais vivas da violência material e simbólica do sistema capitalista.

O capitalismo, como um sistema social que nasce da exploração, engendra em si mesmo a violência e opressão como conteúdos necessários à sua sobrevivência. Marx (1867/2013) identificou que o capitalismo nasceu por meio da expropriação da terra dos pequenos agricultores pelo grande latifundiário e posteriormente pelo manufactureiro com o objetivo de transformar áreas de terras em uma vasta propriedade de um único dono.

Os pequenos proprietários expelidos de seus territórios passaram a trabalhar para o novo dono das terras ou partiram para os grandes centros urbanos, sendo parte da grande massa empobrecida que formou/forma a classe trabalhadora do século XVIII até os dias de hoje “e desse pecado original datam a pobreza da grande massa, que ainda hoje, apesar de todo seu trabalho continua a não possuir nada para vender a não ser a si mesma” (MARX, 1867/2013, p. 785).

Essa primeira forma (primitiva) de acumulação da terra, descrita por Marx, separou o produtor de seu meio de produção, e, é o ponto de partida da produção capitalista. Resultando na criação de grandes contingentes de trabalhadores/as “inteiramente livres” para servir a indústria urbana, além de promover a incorporação do solo para a agricultura capitalista.

Neste contexto histórico emerge outra forma de acumulação primitiva, o colonialismo, levado a cabo pelas grandes potências europeias contribuindo significativamente para o fortalecimento do nascente capitalismo Europeu. O sistema colonial caracterizou “a aurora da era da produção capitalista” (MARX, 2013).

O capitalismo nasce, assim, sob a insígnia da violência com a expulsão/expropriação dos pequenos camponeses de suas terras para que uma única ou poucas famílias detivessem o controle sobre a maioria das terras e pessoas, com isso conseguiram criar uma multidão de trabalhadores/as assalariados para a indústria manufatureira, e paralelamente promoveram o saque sistemático das riquezas dos países colonizados, – vide a colonização portuguesa no Brasil, e até os dias atuais o saque sistemático de nossas riquezas, como o ferro que é levado pela Vale o mercado internacional-. Neste sentido, a violência econômica do capital se expande, sendo o alicerce de muitas outras violências sociais, “o capital nasce escorrendo sangue e lama por todos os poros, da cabeça aos pés” (MARX, 2013, p. 830, grifos nossos).

Para Harvey (2004) o processo de acumulação primitiva descrito por Marx ainda está em curso, assumindo novas facetas a partir da financeirização do sistema capitalista, ocorrido especialmente a partir dos anos 70 do século passado. Desse processo, de um lado, observamos a ascensão do imperialismo norte americano e europeu com uma nova roupagem, mas com as mesmas velhas práticas, criando e mantendo guerras ao longo do globo para garantir sua hegemonia por meio do controle de recursos naturais, como o caso da guerra do Iraque em função do petróleo. De outro, a acumulação via espoliação no capitalismo financeirizado também ganha novos contornos em termos das políticas internacionais de preços. Como aquelas praticadas e reguladas mundialmente por organismos como FMI (Fundo Monetário Internacional) e OMC (Organização Mundial do Comércio).

O colonialismo como uma política do sistema capitalista baseado na exploração e na violência marcou expressivamente a história do desenvolvimento dos países que foram colônias, como o Brasil, sendo que na atualidade a condição dos países outrora colonizados é de extrema injustiça social e pobreza.

As violências psicossociais no Brasil se sustentam sob uma base econômica fortemente alicerçada por mais de 500 anos de exploração e espólio e corroboram para a construção de processos de subjetivação, ou seja, de modos de ser homem e ser mulher forjados em uma sociedade fortemente desigual. Neste sentido, é necessário trazer aqui as contribuições da psicologia social para compreendermos o ser humano como um produto histórico social que

está em movimento, imerso em uma realidade dinâmica, este entendimento será fundamental para evidenciar uma compreensão de sujeito e de sociedade longe de um determinismo a-historicista e fatalista (LANE E CODO, 1993; MARTÍN-BARÓ, 1998).

Nesse interim, a violência é compreendida aqui a partir da concepção de Martín-Baró (1989/1990) que a definiu como um processo histórico, pois o ser humano como ser histórico é expressão das possibilidades e impossibilidades da realidade social a qual pertence. A violência, assim, não tem um valor em si mesma, ela é um produto das relações sociais concretas, de processos ideológicos e é determinada pelo conflito de classes.

É possível falar de uma multiplicidade de formas e manifestações da violência, com ênfase na violência estrutural presente nas sociedades capitalistas. Para o autor acima citado, a existência de grupos antagônicos com interesses irreconciliáveis apresenta um cenário de luta constante sustentada pelo recurso da violência, que servem na maioria das vezes para manter a ordem social vigente e a dominação sobre as pessoas mais pobres (MARTÍN-BARÓ, 1990a). As situações de guerra e de intensos conflitos sociais, são, a exacerbação da violência estrutural presente no cotidiano da sociedade capitalista. Deste modo, chamar de violência o crime da Samarco é qualificá-lo historicamente dentro do conflito de classes e considerar suas implicações sociais na produção de mortes, danos, perdas, dor, sofrimento e destruição.

O tema da violência tem atravessado nossa argumentação e nos interessa agora pensar como essas distintas violências se transformam em sofrimento e se manifestam sobre as vidas cotidianas das pessoas submetidas a elas, neste caso os atingidos e atingidas pelo rompimento da barragem da Samarco, Vale e BHP Billiton. Desse modo, as contribuições do psiquiatra e revolucionário Franz Fanon e do psicólogo social Martín-Baró nos ajudarão nesse intento.

Fanon (1961) acompanhou o processo de luta pela libertação anticolonial do povo argelino e identificou como a guerra provoca uma série de transtornos mentais e psicossomáticos na população colonizada, observava, naquele contexto, que a violência colonial é introjetada nas subjetividades dos povos colonizados, onde o sofrimento é vivido como um estado de paralisia e culpa, no entanto sinais de revolta e indignação contra o regime de dominação se fazem presentes por meio de “sonhos musculares, sonhos de ação, sonhos agressivos” (FANON, 1961, p.6). A internalização dos valores coloniais e constante desumanização dos povos colonizados constituem para o autor uma espécie de maldição que bloqueia os seus impulsos libertadores e a tomada de consciência. A configuração psíquica colonizada cria

uma ideia de culpa sobre os sujeitos que os mantém no âmbito da passividade, o que é esperado pela ordem colonial.

Para Fanon (1961) o corpo carrega as marcas da opressão, esta que é, assim como a violência, uma construção histórica e social servindo para sustentar um mundo de interdições para os mais pobres. Corroborando com tal compreensão, entendo a violência psicossocial também como efeito de determinadas condições históricas que produzem sofrimento psíquico e relegam os sujeitos a posições socialmente subjugadas.

Do mesmo modo que Franz Fanon refletiu sobre a situação dos argelinos perante a luta revolucionária de libertação nacional na década de 50 do século passado, Martín-Baró também o fez a partir da realidade latino-americana nos anos 1970 e 1980 do século passado, no contexto da guerra civil salvadorenha, onde este último vai pensar os efeitos desencadeados pelo processo de ideologização promovido pelas classes dominantes no continente latino-americano para reforçar o lugar social da pobreza como “fatalismo”.

Fatalismo é definido como uma condição de interiorização da dominação social, agindo tanto no sentido de justificar uma postura conformista de submissão e para reproduzir a ordem social existente. O fatalismo é uma condição social e psicológica - representa um correlato psíquico de determinadas estruturas sociais - que naturaliza as desigualdades sociais e leva a sua aceitação diante da impossibilidade de mudança, ele é alicerçado em uma compreensão a-histórica do mundo.

Para Martín-Baró romper com a condição fatalista dos povos latino-americanos requer processos que recuperam nossa memória histórica, a prática de classe e levem a organização popular. O autor vai enfatizar que “a realidade estrutural de uma sociedade não é um dado natural, mas histórico, cuja construção e funcionamento involucra a intersubjetividade dos grupos e pessoas que formam essa sociedade” (MARTÍN-BARÓ, 1998, p. 95).

Tais contribuições teóricas são trazidas aqui para pensar o caráter histórico e social que o processo de sofrimento e adoecimento possuem. O que chamo de violência psicossocial está longe de uma concepção psicologizante que ignora o ser humano como produto de suas condições históricas, que vê o sintoma e não as suas causas, muito pelo contrário, compreendo que o sofrimento psicossocial vivido pelos atingidos e atingidas estão conectados com as condições de violência das mais distintas ordens a que foram/são submetidos/as.

Resultados e Discussão

Sobre esses sofrimentos e violências produzidos em torno do crime da Samarco, Vale e BHP Billiton discorreremos agora, utilizando as nomeações que os próprios atingidos deram a esses sofrimentos durante a investigação. *Estar “esparrodado”*

Romper com os modos de vida, carrega consigo um universo de significações, significa por exemplo, estar “esparrodado”. “Aqui em Mariana é muito ruim, lá em Bento a gente vivia tudo juntinho, aqui, tá todo mundo esparrodado” (trecho diário de campo, atingido de Bento Rodrigues, 18/03/2016). Quando a barragem rompeu, em novembro de 2015, as famílias atingidas ficaram alojadas primeiramente no ginásio arena de Mariana e depois foram alocadas temporariamente em hotéis da cidade. A maioria das famílias ficou nos hotéis em torno de dois meses, indo em seguida, morar em casas alugadas em diferentes bairros, o que gerou a dispersão das comunidades, pois, se antes, as pessoas moravam perto umas das outras, agora, seus vizinhos, seus parentes, seus amigos ficaram “esparrodados” pela cidade. As pessoas que antes, se viam cotidianamente, passaram a se ver cada vez menos.

Para Santos (2005) ao falar em território, não se fala apenas de um espaço geográfico, mas, de todo um conjunto de relações e vínculos que as pessoas constroem entre elas e com o lugar que habitam, para o autor, “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida” (SANTOS, 2005, p.235).

O território como um quadro de vida é também descrito pelo autor acima citado a partir do conceito de 'espaço habitado', o qual carrega marcas históricas e sociais dos grupos que ali vivem ou viveram e que são incorporadas na cultura e subjetivadas dos sujeitos, criando laços de identidade, pertencimento grupal e comunitário, por essa razão, não basta realocar as pessoas em novas casas para que suas vidas sejam restabelecidas (SANTOS, 1991).

Durante o trabalho de campo, por inúmeras vezes foi possível ouvir falas dos moradores de que suas casas não estavam à venda e que não gostariam de ter saído de suas comunidades e de seu sossego. Salientamos assim, que não foram apenas casas destruídas, mas seus modos e meios de vida. Estar esparrodado traz implicações não apenas em relação ao distanciamento geográfico imposto, mas, sobretudo, na ausência, da proximidade com pessoas queridas, dos

locais de cultivo, de criação de animais, de lazer. Sentimento de insegurança e medo diante da nova realidade também se põe neste contexto.

Eu fiquei na casa de mãe, aí eu tinha um vizinho que tinha uma casa lá e meu marido foi olhar com ele para gente ficar pelo menos uns três meses. Aí a gente foi ficar lá, meu marido foi primeiro porque eu estava com muito medo, ouvia barulho, ainda tinha boatos de que a outra barragem ia romper e chovendo, depois com o tempo eu descí. Mas, quando chovia muito eu não dormia direito, porque o barulho da chuva eu não sabia o que estava acontecendo. A gente ficava a mil mesmo. (Antônia, Atingida de Ponte do Gama, distrito atingido)

Em outro trecho da entrevista, Antônia relata que posteriormente mudou-se para Mariana/MG, mas ficou com medo de trazer a sua filha por considerar a cidade um lugar inseguro para uma menina:

De início eu pensei em trazer ela [filha], mas depois eu fiquei pensando “como vou deixar ela sozinha para ir trabalhar”, ela tem treze anos e como ela está acostumada com o pai e com a mãe eu achei melhor ela ficar, é mais seguro também. Porque aqui eu ia trabalhar, quem que ia olhar. Ela não é acostumada com a cidade, ela é acostumada com roça, onde todo mundo é legal, todo mundo respeita, aí ela vem para um lugar desses aqui, conversa com uma pessoa e acha que é legal, acha que respeita. Então tem esse medo também (Antônia, atingida de Ponte do Gama, trecho entrevista).

Nos relatos acima, a atingida Antônia fala sobre os medos e inseguranças vividos após o rompimento da barragem, em viver na nova casa, insegurança diante da possibilidade de um novo rompimento e o medo em trazer a filha para a cidade e ter que deixá-la sozinha para trabalhar, a falta de uma rede de parentes e vizinhos fez com que ela se apartasse da filha, a deixando na casa de seus pais que não foi destruída pela lama na comunidade em que moravam. A questão da opressão à mulher também atravessa a fala de Antônia que tem medo de deixar sua filha sozinha.

Essa é uma preocupação também vivida por outras mães, como é possível observar no relato abaixo retirado do documentário “Atingidas” (2017) que venceu o prêmio jovem jornalista Fernando Pacheco Jordão.

Lá em Paracatu era uma vida, aqui é outra, o comportamento aqui é outro é totalmente diferente, porque assim, minhas meninas elas já adaptaram com a rua, com o pessoal aí são amigos, mas a liberdade que elas tinham lá, hoje aqui elas não têm, elas tão presas, eu não preocupava com elas quando elas iam no campo, não preocupava com elas na rua lá, não preocupava, mas aqui ó, eu to aqui, mas to pensando, onde será que elas tão? To pensando onde elas estão? Com quem? Esses dias quando ela voltou, ela falou: “um cara de moto correu atrás de mim”, como assim [...] “ah um cara na moto, ele veio tentou parar perto de mim, só que eu corri e

ele também acelerou a moto, só que tava vindo um carro e eu voltei correndo pro mercado de volta”, aí ela já falou comigo, já chorando e falou “aqui é tudo diferente, lá em Paracatu a gente ia no bar, a gente comprava as coisas, não tinha nada disso, aqui em Mariana é tudo diferente, eu não volto mais mãe, não me pede pra ir sozinha no supermercado que eu não vou” [Trecho do depoimento de Maria das Graças, atingida de Paracatu de baixo para o documentário Atingidas de 2017.

A mudança para o município de Mariana afetou a todos indescritivelmente, homens e mulheres, crianças, jovens e idosos tiveram uma ruptura abrupta em seus cotidianos. No entanto, a vida na “cidade grande” é percebida como fator de perigo e insegurança especialmente pelas mulheres e meninas em função da sua condição enquanto mulher. A adaptação das mulheres e meninas ao novo cotidiano e ritmos de vida impostos pela cidade é muito mais difícil e penosa que para os homens, pois sua liberdade de ir e vir é assombrada pelo medo da violência sexual e de gênero.

O deslocamento forçado e as limitações por ele impostas só foram melhores compreendidos na medida em que conhecemos como era a vida comunitária antes do rompimento. Na comunidade de Paracatu, por exemplo, os jovens se reuniam ao final da tarde na frente da escola municipal, se encontravam lá para conversar e usar a rede de acesso à internet (*wifi*) do local, esse espaço era conhecido como a “*lan house* de Paracatu”, os adultos jogavam baralho no bar do Jairo e do João Banana. Na festa do menino Jesus a folia de Reis tocava e saía em procissão. Todo ano, as mulheres da comunidade se organizavam para a colheita do café na fazenda do Manoel, próxima ao terreno da Lucila, além das missas, das trocas de diversos gêneros de alimentos, de sementes para plantio, dos banhos na cachoeira. É essa dimensão da vida comunitária, material e imaterial que foi perdida, não eram só um conjunto de casas dispersas em um determinado espaço geográfico. E essas perdas são irremediáveis.

Agora nos chamam de pé de lama

As mudanças ocorridas com o processo de deslocamento não alteraram somente o cotidiano das comunidades dos distritos atingidos, mas de forma ampliada impactaram toda o município de Mariana, uma vez que a Samarco paralisou suas operações após o rompimento, deixando um grande contingente de trabalhadores e trabalhadoras desempregados/as. Entendo que, não são apenas as comunidades de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo, Paracatu de Cima, Pedras, Ponte do Gama, Campinas, Borba e Camargos que foram atingidas em Mariana, mas o município como um todo também foi.

Weil (1943/1996) descreve que o ser humano possui como uma das necessidades mais básicas e mais elementares para sua constituição como ser social, a necessidade de enraizamento, seja pelo trabalho, pela educação, pela família, a necessidade de criar raízes constitui o ser social.

Desde modo, o trabalho é uma forma importante de enraizar-se, ele nos constitui socialmente, por isso, sua perda, mesmo em contextos precarizados é fator de sofrimento subjetivo e material. Embora existam formas diferentes de sentir os impactos do rompimento, não se pode desconsiderar a perda do trabalho como gerador de sofrimento social e como um impacto trazido pelo crime.

O que se presenciou/presencia em Mariana/MG após o rompimento são modos violentos de segregação, expressos em estigmatização e discriminação contra os moradores/as das comunidades circunscritas a chamada “espacialidade da lama”. São constantes os relatos de atingidos e atingidas que deixaram de frequentar alguns lugares públicos por serem chamados de, 'pé de lama', 'exploradores' e que 'é por culpa deles que a Samarco não volta a operar'. É comum caminhar pela cidade e encontrar faixas no comércio local com os dizeres 'Volta Samarco'.

Joana, atingida de Paracatu de Cima, fica nervosa ao ouvir que os atingidos se beneficiaram com o rompimento.

Quero minha vida de volta eu nunca precisei da Samarco pra nada, não. Tudo o que a gente conquistou foi com o poder dos nossos braços aqui na roça. Com dificuldade, mas com alegria. A gente fica aborrecido com tudo isso, porque, antes, a gente vivia a vida da gente com os nossos amigos e, hoje, acabou, foi todo mundo embora. É difícil da gente se ver”. Também de Paracatu de Baixo, Lindalva viu, do ponto mais alto do distrito, sua casa ser destruída pela lama. Lá residiam só ela e a filha. Uma vez ao ir à padaria escutou de alguém que nem conhecia. “Essa é uma daquelas que me fez perder o emprego (Lêda et al., 2017).

Algumas pessoas dizem que a gente está se aproveitando da Samarco, mas pra mim esse dinheiro que recebemos é um dinheiro do sofrimento, não tenho alegria nenhuma com ele, pra mim é uma humilhação receber ele, tudo que gostaria era de ter minha vida de volta (Eliane, atingida de Bento Rodrigues, trecho diário de campo, reunião no Centro de Convenções, 15/09/2016).

É importante situar que as práticas discriminatórias entre os sujeitos atingidos e atingidas são consequências das posturas institucionais das empresas mineradoras Samarco, Vale e BHP Billiton que nunca foram a público oficialmente se responsabilizar pelo crime cometido. Ainda, durante todo o período de grave hostilização daqueles que pediam o retorno da

empresa para com os demais atingidos e atingidas, em momento algum a Samarco se pronunciou explicando publicamente as verdadeiras razões de sua dificuldade em obter as licenças para voltar a operar, em que pese os problemas relacionados a captação de água e obtenção de lugar adequado para depositar seus rejeitos. A falta de esclarecimento desses pontos criou um sem número de desentendimentos fazendo com que a população local confundisse direito com privilégio e culpassem os moradores dos distritos onde a lama passou pela paralisação da empresa e conseqüente desemprego crescente na cidade.

Este contexto de violência praticada pelas empresas provoca desenraizamentos e levam a um tipo de relação reificada entre as pessoas, que não conseguem enxergar no outro, sujeito igualmente oprimido, como um igual.

Quando dimensões do reconhecimento mútuo são negadas e invisibilizadas, vemos emergir formas de violência, que reificam o ser humano a condição de objeto, de inferioridade. São essas questões que observamos em Mariana, pois, se não há uma dimensão de reconhecimento mútuo na esfera dos direitos de que os trabalhadores e trabalhadoras que ficaram desempregados também foram afetados, assim como os moradores dos distritos circunscritos a espacialidade da lama, as dimensões de reconhecimento de classe trabalhadora se tornam cada vez mais distantes.

Sinto tanto desgosto

No dicionário, desgosto significa falta de gosto, de prazer, de alegria. Para Dalva, atingida de Bento Rodrigues, desgosto é isso, mas é também, ter que depender financeiramente da Samarco, é sentir humilhação, é o cansaço provocado pelas incontáveis horas nas reuniões em que 'nunca se resolve nada' (Trecho Diário de Campo). Os efeitos desses processos se manifestam no adoecimento mental dos atingidos e atingidas de Mariana/MG e ao longo de toda a bacia do rio doce.

As violências presentes no rompimento da barragem até as violências presentes nas negociações para “reparação” constituem experiências traumáticas para os atingidos e atingidas. Entendendo trauma aqui, a partir da leitura psicossocial proposta por Martín-Baró (1990), que enfatiza seu caráter essencialmente dialético, considerando que a afetação depende da vivência, participação e características de cada sujeito com o evento traumático. Longe de tomar o trauma a partir da produção de uma patologização da experiência, o autor, enfatiza que ao falar de trauma psicossocial é preciso considerar:

a) que a ferida que afeta as pessoas tem sido produzida socialmente, isto quer dizer, que suas raízes não são encontradas no indivíduo, mas na sociedade. b) que sua própria natureza é nutrida e mantida na relação entre o indivíduo e a sociedade, através de diversas mediações institucionais, grupais e até individuais. O qual tem óbvias e importantes consequências na hora de determinar o que deve ser feito para superar esses traumas (MARTÍN-BARÓ, 1990, p.10, tradução nossa).

Assim, os modos de adoecer não podem ser descolados dos contextos sociais nos quais são produzidos, pois, os diagnósticos no campo da saúde mental acabam tendo um significado que também é político, não são isolados, e não devem desimplicar as empresas em suas responsabilidades. Queremos dizer com isso, que as nomeações dos sintomas e dos diagnósticos passam a ocupar um lugar social, objetivo e simbólico nos corpos dos sujeitos atingidos associados aos cenários em que se produzem, conforme discussão já feita no início desta seção com o aporte teórico de Fannon (1961) e Martín-Baró (1990).

O jornal 'A Sirene' na edição de março de 2018, apresentou depoimento da atingida Odete Cassiano de Barra Longa, no qual ela relata:

Eu estou sob grande quantidade de medicamento antidepressivo. Medicação essa que a gente não tem acesso nem pela prefeitura, nem pelo SUS. Aqui em casa, a gente tem que cortar gastos, procurar coisas mais baratas para alimentação, a cidade toda tá deprimida e a farmácia da prefeitura não tem remédio pra depressão. A prefeitura empurra, diz que a Samarco que deveria nos fornecer a medicação, a Samarco fala que passa o dinheiro para a prefeitura e ela tem que nos dar. Nisso a gente fica sem. E os remédios são caros. (CASSIANO e PINTO, 2017, A Sirene).

Em outra reportagem o jornal 'Agência Brasil' de novembro de 2017 também vinculou matéria sobre a saúde mental dos atingidos e atingidas de Mariana, na reportagem, Leonídia de Paracatu de Baixo relata sobre como a vida de sua família mudou após a passagem da lama ao ponto de seu pai ficar depressivo e em poucos meses sofrer um infarto que o levou a morte.

O crime causado pela Samarco, Vale e BHP Billiton precisa também ser compreendido na dimensão dos corpos que sofrem, dos corpos atingidos, corpos em que se manifestam os desgostos, a tristeza, a ansiedade, a hipertensão, os problemas cardíacos, a obesidade, a dificuldade de dormir, a depressão. Se é sobre os corpos dos atingidos que se objetiva a tragédia, existem corpos mais suscetíveis que outros, em função de condicionantes sociais como sexo e idade. Os corpos das mulheres, das crianças e dos idosos são especialmente

expostos às consequências do crime e os que têm o sofrimento mais silenciado e invisibilizado.

Destaca-se aqui, que o sofrimento vivenciado pelas pessoas mais velhas e moradoras mais antigas das comunidades atingidas, foi muito presente ao longo do trabalho de campo. Ao perderem suas comunidades, perderam também o direito à materialidade da sua memória (BOSI, 1979), substrato da experiência, das lembranças, de uma vida de trabalho e de um apanhado de relações afetivas, impossíveis de serem ressarcidas.

A psicóloga social, Bosi (1979, p. 19) em seu importante trabalho sobre memórias de velhos na cidade de São Paulo, nos ajuda a pensar sobre a importância agregadora da memória em nossa sociedade, fortalecendo laços de confiança e valores ligados a uma práxis coletiva, na qual, nossa história de alguma forma não se perderia. Mas, uma vez que são “destruídos os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros”.

É neste esvaziamento da história, da memória, da experiência, que vão se moldando os contornos de uma narrativa sobre o crime a partir da ótica do opressor e não dos oprimidos. Ao destruir territórios e comunidades inteiras se destroem também os apoios da memória e as lembranças. “Isso não existe mais” passou a ser uma expressão cada vez mais comum nas falas dos atingidos e atingidas.

Em novembro de 2017, o Núcleo de Estudos sobre Vulnerabilidade e Saúde – NAVes/UFMG (NEVES, ROQUE, FREITAS e GARCIA, 2018) realizou um diagnóstico de saúde das famílias atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana – Prisma - entrevistando 271 pessoas, ex-moradoras dos distritos atingidos geograficamente pela lama entre adultos e crianças em Mariana/MG. Esta pesquisa teve como objetivo avaliar a situação atual de saúde dos indivíduos afetados pelo rompimento da barragem de Fundão, com ênfase na saúde mental. Os resultados transformam em linguagem técnica e quantitativa a presença do sofrimento psicossocial fortemente relatado pelos atingidos e atingidas por meio do seu léxico, nesses mais de três anos após o rompimento. Dos dados presentes no relatório, destacam-se:

- a) Diagnóstico de depressão presente em 28,9% da população entrevistada. A distribuição por sexo mostra que a prevalência nas mulheres foi de 35,4% e nos homens de 17,3%.

- b) O transtorno de ansiedade generalizada foi diagnosticado em 32% dos entrevistados. A distribuição por sexo mostra que a prevalência nas mulheres foi de 35,4% e entre os homens foi de 25,9%
- c) O transtorno de estresse pós-traumático foi diagnosticado em 12% dos atingidos. A distribuição por sexo realça que a prevalência nas mulheres foi de 13,9% e nos homens de 8,6%.
- d) Risco de suicídio foi identificado em 16,4% dos entrevistados; 20,8% das mulheres e 8,6% dos homens.

Na distribuição por sexos, a população feminina exibiu elevadas prevalências de todos os comportamentos suicidas. O pensamento de morte esteve presente em 16% das mulheres e 6,2% dos homens; a ideação suicida em 8,3% das mulheres e 3,7% dos homens; o planejamento do suicídio em 6,3% das mulheres e 1,2% dos homens; 2,8% das mulheres mencionaram tentativa de suicídio no último mês, enquanto nenhum homem relatou essa tentativa no último mês. Durante a vida, 9,7% das entrevistadas afirmaram já ter tentado suicídio, e na população masculina foram 2,5% dos respondentes (NEVES et al, 2018, p.49).

Quando comparados os dados entre homens e mulheres, elas tiveram sempre maiores prevalências de sofrimento mental que os homens. Embora a referida pesquisa não tivesse o objetivo de investigar o porquê dessa maior prevalência, questões de ordem estrutural da nossa sociedade patriarcal são indicadores importantes, acrescido a isso na realidade das atingidas também estão presentes maior sobrecarga de trabalho após o rompimento da barragem, especialmente com o cuidado de crianças e familiares doentes, responsabilidades com as questões da reparação que exigem participação em excessivas reuniões e a negação de seus direitos de indenização, estes são fatores que intensificam seu sofrimento psicossocial. De acordo com tal pesquisa, foi encontrada prevalência de depressão em 28,9% dos atingidos e atingidas de Mariana, prevalência esta, cinco vezes maior do que a descrita pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para a população brasileira avaliada em 2015.

Conclusão

Neste artigo buscou-se analisar quais são as repercussões da violência psicossocial na vida das pessoas atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana/MG. Para tal,

partimos de uma caracterização sobre o que é violência psicossocial. A compreendemos, neste trabalho, como um efeito da violência estrutural do sistema capitalista. E por que consideramos importante fazer essa caracterização?

A primeira resposta que aproxima da questão é que é necessário entender que a violência e consequentemente o adoecimento e sofrimento psicossocial não são naturais, são socialmente produzidos e é compreender os mecanismos que os constroem e retroalimentam, sobretudo se se busca, transformar a sociedade em que vivemos.

Em segundo lugar, identificar as violências vividas pelos atingidos e atingidas pelo crime/desastre da Vale, Samarco e BHP Billiton em Mariana/MG também pode contribuir para não invisibilizar e silenciar a dor e as perdas sofridas. É também um instrumento de denúncia.

Desse modo, a violência psicossocial e os processos de sofrimento e adoecimento não se dão descolados de seus contextos mais amplos de produção social e econômica. São a expressão material e simbólica da exploração e opressão estrutural do sistema capitalista objetivada em corpos, sintomas e diagnósticos.

Destaca-se que é necessário ainda, aprofundar as discussões sobre as complexas relações de opressão à mulher desencadeadas pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana, o que se fará em trabalhos futuros. A partir das reflexões feitas aqui compreende-se a necessidade ética e política da psicologia se aliar as lutas que tem em seu horizonte a busca pela transformação das estruturas sociais de dominação e exploração.

Psychosocial impacts of the Samarco, Vale and BH Billiton dam rupture in Mariana / MG

Abstract:

This article presents part of the results of a doctoral research in social psychology that investigated the impacts of the collapse of the iron ore tailings dam of the companies Samarco, Vale and BHP Billiton on the affected population in Mariana/MG. To collect data in the field, observation of meetings between those affected with representatives of companies and public bodies was carried out, as well as a documental survey of minutes and judicial decisions, newspaper articles and interviews were carried out with affected people, having as theoretical and methodological approach, social and community psychology and participatory

research. Over the course of the analysis, a deep intertwining between capitalism, mining and psychosocial violence was found, nexuses of the same chain of exploitation.

Keywords: capitalism; mining; psychosocial violence, social psychology.

Impactos psicosociales de la ruptura de las presas Samarco, Vale y BHP Billiton en Mariana/ MG

Resumen:

Este artículo presenta parte de los resultados de una investigación de doctorado en psicología social que investigó los impactos del colapso de la presa de relaves de minería de hierro de las empresas Samarco, Vale y BHP Billiton en la población afectada en Mariana/MG. Para la recogida de datos en campo se realizó la observación de reuniones entre afectados con representantes de empresas y organismos públicos, así como un levantamiento documental de actas y decisiones judiciales, artículos de prensa y entrevistas a afectados, teniendo como enfoque teórico y metodológico, la psicología social y comunitaria y la investigación participativa. En el transcurso del análisis se encontró un profundo entrelazamiento entre capitalismo, minería y violencia psicosocial, nexos de una misma cadena de explotación.

Palabras clave: capitalismo; minería; violencia psicosocial, psicología social.

REFERÊNCIAS

BORDA, O F; MONCAYO, V M. *Una sociología sentipensante para América Latina*. Siglo del hombre, 2009.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 1987.

COTRIM, L C A. **O ideário de Getúlio Vargas no Estado Novo**. 2011.

DAVIES, M; MARTIN, T. **Mining market cycles and tailings dam incidents**.

In: *Proceedings of the 13th International Conference on Tailings and Mine Waste, Banff, Alberta*. 2009. p. 3-15.

DNPM. Cadastro Nacional de Barragens de Mineração — Agência Nacional de Mineração.

Disponível em:

<<http://www.anm.gov.br/assuntos/barragens/cadastro-nacional-de-barragens-de-mineracao>>.

Acesso em: 16/11/2022.

FELIX, D. C., E SOUZA, BONIFÁCIO, M C O. ([s.d.]). (3) 9º PJJ. **Documentário:**

AtingidAs (2017) - YouTube. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=uM2CVanQhlo>>. Acesso em: 16/11/2022.

FRANTZ, F. **Los condenados de la tierra**. México: FCE, 1961.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. 2º ed. São Paulo: Loyola, 2004.

IBRAM. **Relatório Anual de Atividades**. Disponível em:

<http://portaldamineracao.com.br/ibram/wp-content/uploads/2018/07/Diagramação_Relatório_Anuar_versãoweb.pdf>. Acesso em: 16/11/2022.

ISSUU. **A Sirene - Ed. 19** (Outubro) Disponível em:

<https://issuu.com/jornalasirene/docs/jornal_a_sirene_e19_issuu_>. Acesso em: 17/11/2022.

LANE, S T.; CODO, V. **Psicologia social: o homem em movimento**. 1988.

MARTÍN-BARÓ, I. **Accion e ideologia: Psicología Social desde Centroamérica**. UCA.

Disponível em:

<<http://www.uca.edu.sv/coleccion-digital-IMB/wp-content/uploads/2015/11/1983-@-Acción-e-ideología-psicología-social-desde-centroamerica.pdf>>. Acesso em: 16/11/2022.

MARTÍN-BARÓ, I. **Psicología de la liberación**. Trotta, 1998.

MARTIN-BARO, I. La institucionalización de la guerra. **Revista de Psicología de El**

Salvador, 1989, 8.33: 223-245.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Boitempo.

MONTERO, M. **Introducción a la psicología comunitaria: Desarrollo, conceptos y procesos**. Paidós, 2004.

NEVES, Maila de Castro Lourenço das, et al. **PRISMMA: pesquisa sobre a saúde mental das famílias atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana**. Belo Horizonte:

Corpus, 2018.

OXFAM. **A distância que nos une**. São Paulo. (2017). Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/publicacoes/relatorio_a_distancia_que_nos_une.pdf>. Acesso em: 16/11/2022.

PETRAS, J F.; AZPIAZU, D. **Las privatizaciones y la desnacionalización de América Latina**. Prometeo Libros, 2004.

SANTOS, L C; MAYORGA, C. **Entre as fronteiras do morar e o direito de decidir**: uma etnografia das famílias removidas da Vila da Paz na cidade de Belo Horizonte. Revista de Direito da Cidade, 2017, 9.1: 233-275.

SANTOS, M. **O retorno do território**. Território: globalização e fragmentação, 2005.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. Edusp, 2022.

VILLELA, S. **Tragédia de Mariana**: moradores sofrem com depressão e outros problemas de saúde | Agência Brasil. (2017). Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-11/tragedia-de-mariana-moradores-sofrem-com-depressao-e-outras-problemas-de-saude>>. Acesso em: 16/11/2022.

WANDERLEY, L J; MANSUR, M S; PINTO, R G. **Avaliação dos antecedentes econômicos, sociais e institucionais do rompimento da barragem de rejeito da Samarco/Vale/BHP em Mariana (MG)**. Desastre no Vale do Rio Doce: antecedentes, impactos e ações sobre a destruição. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2016, 39-90.

WEIL, S. **Echar raíces**. Trotta. 1996.

Sobre os autores:

Débora Diana da Rosa é doutora no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG (2015-2019). Mestre em Psicologia pela UFSC (2012-2014). Graduada em Psicologia pela Unochapecó (2006-2011). Professora de Psicologia na Faculdade Alis Itabirito. E-mail: ddddehora@yahoo.com.br.

Claudia Mayorga é doutora no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Complutense de Madri (UCM) (2000-2007). Mestre em Psicologia pela UFMG (1998-2000). Graduada em Psicologia pela UFMG (1992-1996). Professora do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG e Coordenadora do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão Conexões de Saberes-UFMG. E-mail: claudiamayorga@ufmg.br.